

SERVIÇO DIOCESANO DE ACÓLITOS

Departamento de Liturgia do Patriarcado de Lisboa



A Celebração do Mistério da Páscoa

INTRODUÇÃO:

O principal objectivo deste pequeno trabalho, é fornecer a todos uma correcta visão do Mistério da Páscoa, centro de toda a vida Cristã. Como responsável por esta associação de Acólitos sei que a nossa missão no altar não se pode resumir a simples gestos e actos, que foram previamente estudados, e preparados, mas que devemos compreender em primeiro lugar, que há uma verdadeira razão de ser, em tudo aquilo que fazemos como ministros do altar.

Sendo a Páscoa, o período mais rico da nossa vida cristã pretende-se aqui transmitir as seguintes ideias:

- *O que já foi a Páscoa*
- *Razões para a sua existência*
- *O seu significado ao longo dos tempos*
- *O que foi a nova Páscoa*
- *O que é a nossa Páscoa*

O Mistério da Páscoa

I – A PÁSCOA DOS JUDEUS

1. A Páscoa no tempo de Jesus

Celebrando e recordando a saída do Egipto e as acções de Deus que protege e guia o seu povo ao longo da história, a festa da Páscoa era, no tempo de Jesus, a festa por excelência, a mais importante e a mais enraizada na vida do povo judeu.

Vindos de todo o lado, era em Jerusalém, cidade santa, ponto de convergência de todos os povos para o «Dia de Javé», era em Jerusalém que os judeus se reuniam para comemorar, recordando, os grandes gestos de Javé ao longo da sua história. Era tempo de festa, de alegria, de acção de graças; era tempo de esperança, vivido na esperança revigorada da mesma esperança.

Com um ritual particularmente rico, a refeição pascal centrava-se no banquete em que era comido o cordeiro, previamente imolado no Templo. Adquirido quatro dias antes, 10 de Nizan, o cordeiro era imolado depois do meio-dia de 14.

Em grupos de mais ou menos 10 pessoas (as suficientes e bastantes para comer um cordeiro) os peregrinos iniciavam a ceia pascal, festiva, ao entardecer do dia 14, isto é, no início do dia 15 de Nisan, segundo a sua maneira de contar os dias.

Depois da oração prescrita, da preparação do primeiro cálice, da oração de louvor, e uma vez tomados os preparativos, tinha lugar a liturgia pascal que precedia o banquete propriamente dito. Solicitado pela pergunta ritual posta por um dos participantes sobre o significado da festa, o pai de família ou presidente da mesa dava a explicação da ceia ou da festa, com base em Deut. 26, 5-11. E aqui vinham naturalmente as mais diversas interpretações que incidiam em particular sobre o cordeiro pascal que recordava o facto de Javé ter poupado os hebreus ao extermínio com que

castigara os egípcios, sobre as ervas amargas que tornavam presente a amargura da escravidão, e sobre o pão ázimo que recordava a libertação, a vida nova que Javé lhes proporcionara.

Recitada a primeira parte do Halell (Ps. 113-114), bebia-se um segundo cálice e iniciava-se o banquete. O pão era benzido pelo pai da família que repartia pelos participantes que iniciavam o banquete seguindo o exemplo do presidente da mesa que tomava a iniciativa.

Com a bênção do terceiro cálice, o cálice de bênção, terminava o banquete, não sem que antes se recitasse a segunda parte do Halell (Ps. 115-118) e se cantasse o louvor sobre o quarto cálice.

Terminada a ceia, por volta da meia-noite, os participantes não deviam sair de suas casas ou tendas antes da manhã do dia seguinte, continuando a festa por mais sete dias (Ázimos).

Era este, em poucas palavras, e segundo vários autores, o cerimonial da festa da Páscoa.

Qual era o conteúdo da festa? Qual o seu objectivo?

Dissemos já que então se celebrava a saída do Egipto, a passagem da não-vida à vida, a primavera do povo, a sua origem, a maneira extraordinária como Javé o criou. E naturalmente que por aí se associavam, na mesma festa e a esse acontecimento fundamental da vida do povo, os gestos mais significativos de Javé ao longo da sua história.

Mas nunca o povo entendeu o celebrar, o comemorar ou recordar, como um simples chamar à memória de algo pertencente ao passado. No dizer dos doutores da lei, em cada geração era cada um obrigado a considerar-se a si mesmo como quando saiu do Egipto.

Celebrar o Êxodo era, de certo modo, torna-lo presente e vivo na vida de cada um, vivê-lo e revivê-lo no que ele foi e significou para o povo. Por isso, e de maneira simbólica, o povo «experimenta» o amargo da escravidão comendo as ervas e a alegria da vida nova comendo o pão ázimo; a maravilha de haver sido poupado por Javé.

E se este olhar para o passado lhe explicava o presente, como caminho constante da escravidão à liberdade, era também para ele abertura de futuro. A presença de Deus no passado era garantia da sua presença no futuro.

Voltar ao passado era assim também entrar constantemente no caminho da esperança, voltar-se para o futuro aberto pelas promessas de Javé e pelos seus gestos.

Por isso, a festa da Páscoa era também uma festa escatológica. Era uma profunda interpelação à obediência, à fidelidade, ao abandono a Javé de que havia a esperar o que nem a imaginação poderia adivinhar.

Celebrar a Páscoa era projectar-se, atirar-se na esperança para um futuro de vida esperada de Javé.

2. A origem da festa

Esta festa da Páscoa, cuja tradição mais antiga vamos encontrar em Ex. 12, 21-23, tem atrás de si uma festa ou simplesmente um rito de características nómadas, pastoris, anteriores ao Êxodo e mesmo comum a outros povos.

Consistia este ritual na imolação de um cordeiro, cujo sangue se devia aspergir as entradas das casas ou das tendas, com o fim de preservar a vida das pessoas e dos animais de todos os perigos.

Simples, o rito, teria sido no dizer do P. Merendino, sempre comunitário e, ainda segundo o mesmo autor, essencialmente voltado para a defesa das pessoas, garantindo assim a continuidade da família e da tribo.

De características acentuadamente nómadas, como disse (a carne era assada ao fogo, sem necessidade de cozinha; comia-se com pão sem fermento, que ainda hoje é o pão dos beduínos; com ervas amargas, que são ervas do deserto; e comia-se em situação de quem está em viagem), esta festa ou rito tinha lugar na primeira lua cheia da primavera, na altura em que os pastores partiam com seus gados na busca de novas pastagens.

Era a vida que recomeçava, com todos os perigos decorrentes da sua própria natureza, perigos que era preciso esconjurar e que se personificavam no «exterminador» (Ex. 12, 23). Era para se protegerem do exterminador que aspergiam as portas com sangue do cordeiro imolado.

Referido pelos israelitas a Javé, teria sido este sacrifício, em louvor do seu Deus, que Moisés teria pedido ao faraó para celebrar no deserto (Ex. 3, 18; 5,3; 7,6, etc.).

3. *A Páscoa e o Êxodo*

É neste rito pastoril, que os israelitas vão transformar mais importante festa comemorativa da sua saída do Egipto.

A que ficará a dever-se essa transformação?

Poderíamos explicá-lo de duas vias: A via da história e a via da significação dos acontecimentos. Evidentemente que ambas se entrelaçam de tal modo que as não podemos isolar.

Do ponto de vista histórico poderíamos servir-nos de Ex. 11, 1-13, 6. Vemos aí, efectivamente, que a Páscoa nos parece estreitamente vinculada com a décima praga, e por ela, com a saída do Egipto. Mas será preciso saber ler o texto; ter em consideração que não estamos perante uma crónica de acontecimentos, mas duma re-leitura posterior, numa altura em que a Páscoa tinha adquirido já uma importância de relevo no culto israelita. A Páscoa é-nos apresentada aí como possibilitando exactamente o que comemora. O que se terá passado realmente?

Sem grandes pormenores, diremos que do ponto de vista histórico haverá simplesmente uma coincidência temporal entre uma celebração da Páscoa pelos israelitas e o flagelo que vitimou os egípcios e possibilitou a saída dos hebreus.

E terá sido exactamente a conjugação desta recordação histórica, a saída do Egipto por altura do flagelo, com a celebração da Páscoa, na mesma altura, que possibilitou a transformação do significado de todo o rito pascal. O próprio nome (Páscoa) foi interpretado de Javé que «passou», «saltou», por cima, protegeu as casas dos israelitas, poupando-os ao flagelo, em razão de sangue do cordeiro que assinalava as suas casas (Ex. 12, 24); o «exterminador converteu-se no executante da praga (Ex. 12, 33); as vestes de pastores transformaram-se nas vestes de viajantes prontos a sair (Ex. 12, 11); o pão sem fermento no símbolo da saída (Ex. 12, 34-35).

É assim que a Páscoa se assume como festa celebrativa e comemorativa dos acontecimentos que actualiza, que quase presencializa às novas gerações, a todas as gerações. A vítima

pascal é assumida, no seu sangue derramado como a possibilidade da saída que comemora.

Mas esta vinculação histórica, esta re-leitura de acontecimentos, não poderá fazer-se sem termos em consideração a abertura significativa dos acontecimentos.

Era a Páscoa uma festa da primavera em que assinalava e marcava o início da vida, o caminhar à procura de novas fontes e possibilidades de vida. Ora, não foi o Êxodo vivido pelo povo em dimensão idêntica?

O Êxodo foi, efectivamente, a grande primavera do povo de Deus. Foi o seu nascimento como Povo Eleito, como Povo de Deus. Foi o início do seu caminhar para a vida, para a terra da felicidade, da liberdade; foi a abertura à possibilidade dum futuro próprio, dum futuro de vida assente na presença, na promessa e na fidelidade de Javé. Não teve o Êxodo, na sua origem, um acontecimento «miraculoso» de poupar os hebreus ao extermínio que vitimou os egípcios? Não está ele vinculado à preservação da sua própria existência material?

Foi, sem dúvida, esta assunção dos acontecimentos, esta aproximação significativa que transformou a festa da Páscoa, que transformou um rito pastoril que o povo executava no momento em que partia para a vida.

4. *A Páscoa, festa de peregrinação*

Ainda que prescrita muito cedo como festa comemorativa da bênção de Javé que havia poupado os hebreus, e, no seu complexo, como comemorativa da saída do Egipto, só mais tarde é que a Páscoa vai fazer parte das grandes festas de peregrinação, por altura das quais todo o povo se reunia em Jerusalém para celebrar e cantar os grandes gestos de Javé ao longo da sua história.

Inicialmente, a festa celebrava-se ao nível familiar mais ou menos alargado.

Entretanto, e com a entrada na terra, algo vai modificar-se. A mudança de vida, de nómada para sedentária, trouxe consigo a mudança também de certos costumes. É assim que a festa da Páscoa, de características eminentemente pastoris, vai perder parte da sua importância. Mas, por outro lado, o

povo vai assumir a festa dos Ázimos de características marcadamente agrícolas, para celebrar os mesmos acontecimentos.

Mas, a Páscoa tinha as suas raízes bem fundas. E é ela que vai assimilar a festa dos Ázimos. Isto acontece por varias razões. Os Ázimos celebravam-se na mesma altura, na primavera, no mês de Nizan. Depois havia também o pão ázimo. Assim as duas festas juntam-se numa só com o nome de Páscoa. E com os Ázimos a Páscoa torna-se uma festa de peregrinação, mas aos santuários centrais das tribos.

Isto porém trazia um grande inconveniente. Era a dispersão das tribos, era o enfraquecimento dos laços de união entre elas como povo único.

Para obviar a isto mesmo, e por razões de ordem político-religiosas, os reis Ezequias (716-687) e depois Josias (640-609) vão empreender uma grande campanha de purificação do culto pela sua centralização em Jerusalém, no «lugar que Deus escolheu para ai fazer habitar o seu nome» (Dt. 16).

É assim que também a Páscoa vai tornar-se uma grande festa de peregrinação comunitária e um instrumento de união entre o povo.

«Do tempo dos juizes e em todo o tempo dos Reis de Israel e Judá, nunca se havia celebrado uma Páscoa tão solene como aquela que se celebrou em Jerusalém no ano 18 de Josias» (2 Rs. 23, 22-23).

Centralizado no Tempo, o sacrificio da Páscoa torna-se um sacrificio cultural propriamente dito; o sangue do cordeiro é derramado sobre o altar e os actores são os sacerdotes e os levitas (2 Cr. 35, 11 ss.).

Depois do exílio, durante o qual a Páscoa se celebrava ao nível da família e o rito do sangue foi retomado mais uma vez como distintivo do povo de Deus no estrangeiro, a Páscoa torna-se a festa por excelência, cuja omissão acarretaria para os judeus uma autêntica comunhão (Nm 9,13).

Visto como um novo êxodo (Is 67, 7-64, 11), o regresso do exílio, que ficará a dever-se ao Servo de Javé, luz das nações (Is. 53,7), vai unir as duas figuras, do Servo e do Cordeiro Pascal, como tipos ou figuras do Messias futuro, do libertador, do criador do novo povo para os últimos tempos.

A Páscoa torna-se na festa culminante do ano liturgico. Todo o povo se reunia, celebrava e cantava Javé seu Pai como

Povo de Deus; aí tomava e reforçava cada ano a sua própria consciência de povo e da sua pertença a Javé.

Os perigos de nacionalismos fáceis e rápidos eram um facto. As autoridades sentiam-no; daí as preocupações.

Mas a fé religiosa, mais poderosa, mantém-se:

A Páscoa comemorativa do nascimento e das acções salvificas de Deus a favor do seu povo é e vive-se sempre como uma festa de esperança. Será numa noite de Páscoa que virá o Messias.



II – A PÁSCOA DE JESUS

1. *A nova Páscoa*

Quando pensamos na Páscoa de Jesus, pensamos imediatamente na sua «hora» de passar deste mundo ao Pai (Jo. 13,1).

Mas esta «hora» de Jesus, hora máxima da sua vida, ponto culminante da história da revelação e por isso mesmo da hora salvífica de Deus, esta «hora» é o ponto de chegada duma vida, o ponto mais alto duma existência toda vivida como «passagem» de Si mesmo ao Pai no amor que n'Ele consagrou aos homens (Filp. 2,1-11).

É nesta perspectiva que há-de entender-se a sua morte cujo significado foi dado na última ceia, na qual antecipa de maneira sacramental o seu calvário, e pela repetição da qual perpetua o mesmo calvário. Mas a inteligência profunda de quanto se passou na «última ceia» vem sendo preparada ao longo da vida.

É uma ceia com os seus amigos que há-de entender-se no contexto de outras refeições que Jesus vinha tendo ao longo da sua vida.

Depois é uma ceia pascal; pelo menos vivida em ambiente absolutamente pascal.

E foi por alturas da Páscoa que Jesus foi realizando gestos e pronunciando palavras que vão encaminhar os seus ouvintes para quanto se passará no fim. É por ocasião da Páscoa que se assume e identifica, no seu corpo ressuscitado, como o novo Templo, á volta do qual o povo se encontrava como tal, se reforçava e recriava na sua coesão, no seu ser, procurando uma consciência cada vez mais profunda daquela que era e sentia ser a sua relação a Deus.

E foi ainda na altura da Páscoa que Jesus partiu e repartiu o pão, que miraculosamente multiplica, pela multidão faminta; pão que viria a ser o pão repartido da Nova Páscoa.

É assim que Jesus vem preparando os seus discípulos para o grande dia, para o dia em que se assumirá como o

verdadeiro cordeiro Pascal, o cordeiro libertador, o doador da vida definitiva.

2. *A Última Ceia*

Caminhando para a morte duma maneira absolutamente consciente e livre, é na última ceia, com as palavras sobre o pão e sobre o cálice, que Jesus, antecipando-a de maneira sacramental, revela a sua morte em todo o seu alcance redentor, fazendo dela a sua verdadeira Páscoa, e nela a Páscoa do universo, da humanidade.

No contexto da vida de Jesus, esta ceia, como tal, vem na sequência de muitas refeições que Jesus tomava com os seus e que muito preocupavam os seus adversários. Efectivamente, na mentalidade do tempo, sentar-se à mesa com, alguém era criar uma comunidade de vida, uma comunidade de paz, por participação do mesmo alimento, fonte de vida. (Comer à mesa é sinal de comunhão, de reconciliação). Sobretudo a partir da Confissão de Cesareia, a participação nos bens messiânicos, de salvação futura que Jesus oferecia a todos, sem distinção, porque todos admitia ao seu convívio. Também a última ceia foi vivida pelos convivas em ambiente e orientação escatológica, vista como antecipação dos tempos finais da salvação.

Por outro lado, e além disso, a última ceia foi, pelo menos, vivida em ambiente pascal, se é que não foi mesmo uma ceia pascal. E, naturalmente, na linha da tradição judaica, também Jesus, como presidente da mesa, deveria interpretar para os convivas o sentido do rito pascal celebrado (Ex. 12, 26; 14,8).

Entretanto, nesta ceia algo de novo e extraordinário se vai passar e que vai fazer dela um banquete de certo modo irrepetível até ao banquete final no Reino de Deus.

Antes de mais, quando Jesus diz do pão que abençoa, parte e reparte, que é o seu corpo (entregue à morte) e do vinho ser o seu sangue derramado, apresenta a sua morte como o verdadeiro sacrificio pascal do qual Ele é o cordeiro pascal escatológico (1 Cor. 5,7) cuja morte realiza a nova

aliança prefigurada no Sinai (Ex. 24,8) e predita para os tempos da salvação (Jer. 31, 31-34).

Por outro lado, e em segundo lugar, pronunciadas estas palavras com as palavras tradicionais da bênção da mesa, elas adquirem ainda um outro significado, outro valor ou outra eficácia.

Por outro lado, e em segundo lugar, pronunciando estas palavras com as palavras tradicionais da bênção da mesa, elas adquirem ainda um outro significado, outro valor ou outra eficácia.

Segundo o ritual judaico a participação dos convivas no pão partido e repartido e no vinho abençoado pelo pai de família, significava a participação na própria bênção. Repetindo o mesmo gesto, Jesus vem significar e dizer que os seus convivas entravam a participar na força expiatória da sua morte sacrificial. Assim ficava realizado de maneira sacramental, e em toda a sua força, o seu sacrifício que dramaticamente iria ter lugar no calvário.

A comunidade dos discípulos ficava assim como que voltada para o reino que Jesus preparava. A sua existência na terra ficará determinada por este dom pelo qual, ao longo dos tempos, se torna presente a Jesus no seu sacrifício. A Eucaristia será o rito pelo qual a igreja se une ao seu mestre, se lhe torna presente, entre a sua partida e a sua última vinda.

É dando-se assim à morte, que aceita como sacrifício e resgate por uma multidão, que Jesus morre como Servo de Javé cujo sofrimento e morte são apontados por Is.53 como os dum inocente, suportados com paciência, voluntariamente, queridos por Deus, e, por consequência, expiatórios em proveito daqueles de quem toma o lugar e por quem se dá. É uma vida de Deus e um Deus que se entrega à morte e por isso com uma força expiatória sem limites.

É a Páscoa de Jesus. É a nossa Páscoa. É a libertação de todo o pecado, da morte, é o dom da vida e da vida plena.

III - A PÁSCOA DO CRISTÃO

Este é com toda a certeza o ponto central de tudo o que até agora aqui foi dito: a nossa Páscoa.

Efectivamente, tudo o que aqui foi dito, vale exactamente na medida em que nos fizer viver a nossa própria Páscoa com mais profundidade. Mas a nossa Páscoa é Cristo. Viver a Páscoa, portanto, será viver o próprio Senhor Jesus Cristo, e Cristo imolado e ressuscitado («de pé e como que imolado»). Será n'Ele e por Ele que a nossa vida será Páscoa.

Por amor duma certa clareza vamos falar disto mesmo em dois tempos: celebração da Páscoa e vivência da Páscoa.

1. A Celebração da Páscoa

Nascido da e na Páscoa de Jesus Cristo, é na comemoração desta que o novo povo de Deus se refaz, toma consciência de si mesmo e se renova e realiza como povo resgatado, herança de Deus, sua propriedade.

Na linha dos seus antepassados, todos os anos, na primavera, também os cristãos celebram o seu nascimento, a sua vida, a sua abertura à plenitude escatológica em Deus Salvador por Jesus Cristo. Aí retoma e recorda a sua história, a história da sua salvação. Por aí entre na globalidade da histórica santa, tomando consciência e entrando no «esforço» de Deus ao longo dos tempos, pelo seu e no seu nascimento. É a festa do povo de Deus ao longo dos tempos, pelo seu e no seu nascimento. É a festa do povo de Deus. É o encontrar-se com o seu Deus, dado nas suas palavras, nos seus gestos, no seu Filho; é o redescobrir-se anual no seu passado e no seu futuro, na busca do sentido do presente.

Mas a Páscoa tem outra celebração: a celebração dominical. É o dia do Senhor, o dia da sua ressurreição. O oitavo dia. O dia da renovação, da nova criação. Reunindo-se na sua fé, convocados pelo Senhor para a celebração

eucarística, o povo de Deus torna-se constantemente presente a Jesus no sacrifício do seu corpo e sangue que sacramentalmente se renova. Participando no seu sacrifício, o cristão ultrapassa os limites do tempo e do espaço e vive as sementes de eternidade de cada momento.

Efectivamente, celebrar a Eucaristia não é repetir um rito mais ou menos significativo. Não é celebrar mais um gesto salvífico de Deus. Celebrar a Eucaristia é tomar parte na doação pessoal de Jesus e tornar definitivamente presente a salvação de Deus no seu Filho.

Unido a Jesus que se dá em alimento salvador, o cristão, o novo povo de Deus, vive n'Ele e por Ele aquela unidade escatológica a que todos e cada um é chamado em Jesus Cristo. Aí traz o céu à terra ou eleva a terra ao céu. Vive e refaz-se na sua união com Cristo, o cordeiro imolado, na sua unidade com todos os homens por que Cristo Se dá e imola.

Mas este mistério eucarístico, este mistério de unidade universal a Deus por Jesus Cristo, que se celebra tende por sua própria natureza a actualizar-se na vida do mundo. Ele é, por aí, a grande contestação da ordem terrestre. É o quebrar de todas as barreiras sociais, ideológicas, ráticas ou culturais que dividem os homens. Ele é a proclamação da unidade universal, em Cristo a cabeça do universo em quem, por quem e para que tudo foi criado.

Celebrado por homens inteligentes e livres, Ele actua pela actuação dos homens penetrados pela sua própria força, tornados obreiros da própria salvação pela força de Cristo que vive neles.

2. A Vivência da Páscoa

Desde o início que os cristãos entenderam a dimensão existencial da Eucaristia. As expressões usadas «Ceia do Senhor», na comunidade de Corinto, e «Fracção do Pão», em Jerusalém, acentuam cada uma um aspecto diferente das exigências da Eucaristia.

Se em Corinto o acento cai mais sobre a verdade da comunidade entre as pessoas das diferentes classes, realizada pela presença do Senhor, em Jerusalém quer significar-se particularmente a «partilha» dos bens entre os irmãos, a caridade, a que a Eucaristia deve conduzir e que deve traduzir.

É na vida da fé e do amor, na vida em comunhão, que a Eucaristia se torne actuante e eficaz na vida dos homens que a celebram.

Efectivamente, o mandamento do Senhor: «fazei isto em memória de Mim» não se realiza, não se cumpre, simplesmente pela repetição da acção litúrgica.

Na Sagrada Eucaristia «memória» não é simplesmente um acto interior, mas implica sempre um agir, implica acção. Se Deus, o Deus da Aliança, se recorda do seu povo quer dizer que Deus actua como no passado actuou em seu favor; se, por outro lado, é o homem que é interpretado a recordar o seu Deus, isto significa para ele um convite permanente a viver a fidelidade à aliança. E é nesta convergência de memórias que a aliança se realiza na sua eficácia e é, ao mesmo tempo, uma abertura ao futuro de salvação.

Nas palavras de Jesus há, entretanto, algo de novo em absoluto. A memória que se faz pela repetição dos gestos e palavras de Jesus sobre o pão e o vinho, não é de qualquer acontecimento, mas de «Mim». O que se recorda é o «Eu» de Jesus fazendo o que fez e disse. É um acontecimento personalizado e um acontecimento que recapitula toda a existência de Jesus. É Jesus que se entrega em fidelidade absoluta pela vida do mundo; é Jesus que Se dá aos seus, com quem estabelece uma comunidade de destino por uma transformação n'Ele mesmo.

A acção litúrgica torna-se assim presente a Jesus Cristo que Se entrega, que me faz participante da sua própria vida.

Esta «memória» é assim um convite a agir como Jesus, ou melhor, pelo facto de Ele Se me dar em alimento, convida-me a agir como Ele agiu pela sua própria força que actua em mim.

Celebrar a Eucaristia implica assim, pela sua própria natureza, viver o mesmo mistério celebrado; viver a doação e fidelidade total, até que Ele venha.

Na sequela de Jesus e em Jesus, é o povo de Deus como tal e cada um dos seus membros convidados a dar-se a Deus

nos outros, e aos outros a Deus, na vida duma Páscoa permanente, num sair constante de si para os outros na busca da vida que encontra na própria morte em Cristo Jesus.

Identificando-se com Jesus, na celebração eucarística, na «memória» da sua Páscoa, o novo Povo de Deus assume-se como uma comunidade sacerdotal, uma comunidade de serviço, uma comunidade que se oferece no seu Senhor, também ela pela salvação da humanidade. Poderíamos mesmo dizer que se torna consciência da humanidade que louva, e é vítima oferecida por uma comunidade que peca.



Bibliografia:

- *Catecismo da Igreja Católica.*
- *Instruciones del antiguo Testamento*, ed. Herder, Barcelona, 1961.
- R. de Vaux, *Historia antigua de Israel*, ed. Crisandad, Madrid, 1975.